

# Acesso de crianças da Educação Infantil aos patrimônios históricos e culturais: concepções de professores e mediadores culturais<sup>1</sup>

Amanda Maria Araújo de Oliveira Santos<sup>2</sup>

Rafaela Maria da Silva<sup>3</sup>

Zelia Granja Porto<sup>4</sup>

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (EDUARDO GALEANO, 2002)*

## RESUMO

Este trabalho aborda reflexões sobre patrimônios históricos culturais a partir de sentidos e significados que professores da Educação Infantil atribuem a essa experiência cultural, quando as crianças visitam esses espaços. Foram entrevistados nove professores da Educação Infantil e quatro mediadores culturais de patrimônios histórico e cultural da cidade do Recife. Os resultados apontam que na visão dos professores e mediadores culturais a experiência cultural que as crianças adquirem quando visitam esses espaços contribui bastante para o desenvolvimento da aprendizagem e formação cultural delas, ajudando-as a se verem como sujeitos históricos e produtores de cultura. Entretanto, tanto os professores como os mediadores dos patrimônios destacam que existem muitas dificuldades que impedem esse acesso, impossibilitando desenvolver essa atividade como deveria ser – uma experiência cultural.

**Palavras- Chaves:** Educação Infantil. Professores da Educação Infantil. Patrimônios históricos e culturais. Formação Cultural.

## INTRODUÇÃO

A visão de que patrimônios históricos culturais são constituídos como espaço educacional é pouco assimilada pela escola, e isto se acentua, quando se trata da Educação

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2014.1 como requisito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2 - Turma PC, ministrada pela professora Ester Calland de Sousa Rosa.

[2] Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. amanda\_fragoso@hotmail.com

[3] Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE/2014. rafamds20@gmail.com

[4] Professora Doutora do Departamento de métodos e técnicos de ensino- Centro de Educação – UFPE. zeliaporto2@yahoo.com.br

Infantil. Essa questão nos instigou a analisar e compreender o que os patrimônios históricos e culturais da cidade do Recife oferecem para as crianças da Educação Infantil durante as visitas, verificando assim como estes espaços se constituem como mediadores culturais constitutivos de experiências culturais e como se adaptam fisicamente para atender a crianças pequenas. O estudo se debruçou sobre a investigação e análise de sentidos e significados que professores da Educação Infantil (EI) constroem para essa prática, nesta primeira etapa da Educação Básica. De modo particular, como e em que medida os professores consideram tais práticas importantes para contribuir para aprendizagem e formação cultural das crianças. Além disso, o estudo identificou dificuldades encontradas pelos professores em conhecer os patrimônios históricos culturais, entre outros aspectos.

O objetivo da pesquisa é, portanto, compreender a importância que têm estes patrimônios como potencial de formação cultural para crianças pequenas, tomando como base a visão de professores que atuam na EI e as concepções dos mediadores sobre o acesso dessas crianças aos espaços históricos culturais. Sendo assim, o nosso propósito foi verificar o que professores dizem sobre a contribuição de visitas para a aprendizagem e a formação cultural das crianças. Sob esta perspectiva, o trabalho nos instiga a analisar e compreender as práticas pedagógicas para crianças propostas por instituições que abrigam patrimônios históricos e culturais. Para tal, analisamos como os mediadores culturais de patrimônios históricos e culturais do Recife entendem os objetivos e a mediação de visitas dirigidas às crianças da Educação Infantil. Por outro lado, foram identificados e analisados os sentidos e significados que professores da Educação Infantil atribuem a essas contribuições para aprendizagem e formação cultural das crianças.

Há que se levar em conta que a prática de visitação pedagógica a patrimônios históricos e culturais é mais presente nos anos finais do ensino fundamental e médio, pois, o discurso vigente é o de que os estudantes são maiores e os riscos são menores para estas faixas etárias. Sabemos que esta é uma atividade de natureza complexa para os professores da Educação Infantil, e distintos motivos, muitas vezes impedem a realização desse importante evento na vida escolar das crianças.

Como é sabido, faz parte do imaginário dos professores à ideia de que as aulas para crianças da Educação Infantil são resumidas apenas na sala de aula e no pátio da escola. Porém, a visita a patrimônios históricos e culturais juntamente com o que esses patrimônios têm para oferecer é de grande importância para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois, as crianças da Educação Infantil precisam de oportunidades para aprender com

a experiência cultural ao apreciar obras de arte, catálogos, esculturas nos patrimônios históricos e culturais, como possibilidade de construção do conhecimento, de uma formação estética e cidadã e de aprender outras formas crítica e sensível de ver as coisas.

Assim, escolhemos o presente tema para o nosso estudo, pois é de grande importância para o campo educacional, contribuindo para uma Educação Infantil de qualidade que vise o desenvolvimento dos educandos de uma forma global, considerando seus aspectos cognitivos, sociais, culturais e psicológicos através dessas práticas. Sobretudo por entendermos que a “[...] cultura é feita de formas de compreender o mundo social, de torná-lo inteligível.” (SILVA, 1999, p. 17).

Para subsidiar o trabalho abordaremos o conceito de Educação Infantil nos dias atuais e como esta etapa deve abranger o ensino para possibilitar a construção do desenvolvimento físico, psicológico, emocional, social e cultural das crianças. Abordaremos também a criança como agente produtor e consumidor de cultura, destacando como as aulas passeio contribuem para aprendizagem desses pequenos. Ressaltando assim, a importância de visitas a patrimônios históricos e culturais pelas crianças da modalidade infantil, visto que através desse processo as crianças têm um contato mais direto com suas heranças culturais, vivenciando sua construção cultural, num processo de inclusão social, podendo assim reformular e reconstruir novos sentidos, se tornando agente produtor de cultura.

Desse modo, acreditamos que o trabalho contribuirá como fonte de informação, tanto para os acadêmicos de educação, como para o público em geral, visto que são escassas as pesquisas que abordam a temática dos patrimônios históricos e culturais, pois embora existam estudos que problematizem a educação sobre patrimônios históricos e culturais nas escolas, a exemplo da pesquisa de Maltêz et al (2010) que problematiza a conscientização, preservação e valorização do patrimônio cultural no país no âmbito das instituições escolares e a de Moraes (2014) que discute a importância da Educação Patrimonial no processo educacional, como práticas preservacionistas para os Patrimônio Cultural. Não é comum encontrar estudos que analisem esta temática e suas aplicações na Educação Infantil como possibilidade de formação cultural, particularmente se o fenômeno for estudado sob a ótica dos professores, sob a visão deles em relação ao acesso a estes patrimônios para aprendizagem e formação cultural das crianças pequenas. Sendo assim, a pesquisa despertará o interesse de pesquisadores para o desenvolvimento de outras pesquisas bem como poderá servir de subsídios para que sejam pensadas a formação inicial e continuada de professores da Educação Infantil.

## EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, mas nem sempre foi assim. O atendimento a essas crianças só teve início no Brasil com as mudanças econômicas, políticas e sociais causadas pela revolução industrial, no qual as mulheres passaram a exercer um novo papel na sociedade, se inserindo no mercado de trabalho. Nesse novo contexto começou-se a pensar num atendimento que oferecesse condições para as mães trabalharem, ou seja, cuidados básicos às crianças dessa faixa etária. Surgem, assim, as primeiras iniciativas de atendimento que assumiram caráter assistencialista, segundo o qual as crianças eram consideradas seres puros e ingênuos, que necessitavam de assistência enquanto suas mães trabalhavam, conforme pode ser visto na literatura sobre a temática. Foi só a partir da década de 1980 que a Educação Infantil passou a ser encarada como um direito da criança, não sendo mais vista, apenas como um atendimento numa perspectiva de guarda da criança oferecido as mães que trabalhavam. Esse contexto é resultando das legislações criadas para o atendimento à criança da EI, em que o foco deixa de ser a mulher (mãe/ trabalhadora) e passa ser a crianças e suas necessidades. (KRAMER, 2006).

A Constituição Federal de 1988 consolidou a Educação Infantil como etapa inicial da Educação Básica, conforme o Artigo 208, inciso IV, estabelecendo que é dever do Estado oferecer esse nível de ensino, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade. Pelo menos isso é o que ficou estabelecido no papel, à educação passa a ser direito da criança que começa ser vista como um sujeito de direito e a educação o caminho necessário para a formação de personalidade desses sujeitos, que começaram a ser vistos como seres culturalmente em desenvolvimento.

Contudo, foi só com a LDB/ 96, Lei nº 9.394, que a Educação Infantil passou a ser voltada para o ensino, no qual as crianças passam a receber atendimentos pedagógicos, além dos cuidados básicos necessários. De acordo com a LDB (artigo 29), a finalidade da Educação Infantil é estabelecer “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Mais recentemente, a Emenda Constitucional de nº 59, de 2009, introduziu no país a obrigatoriedade da educação de crianças na faixa etária de 4 e 5 anos de idade.

A partir da implementação da LDB a criança passa a ser vista como um ser sócio histórico, em que a aprendizagem se estabelece a partir das interações da criança com seu entorno social. Visto que segundo Gobbi,

[...] a infância é uma construção social e histórica. Neste período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas, experimentado a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte permitindo-nos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo. (GOBBI, 2010, p. 1)

Partindo dessa perspectiva é que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1988) vem norteando e ajudando nas implementações de práticas educativas, procurando ampliar as condições necessárias para que a educação exerça na sociedade seu papel de modo coerente, contribuindo para o exercício da cidadania, ajudando as crianças a se desenvolverem fisicamente, psicologicamente, emocionalmente e socialmente, respeitando as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças dessa modalidade.

Segundo o RCNEI para que isso ocorra é necessário que a educação esteja baseada nos seguintes princípios:

- o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998, p. 13).

Todos esses princípios objetivam contribuir para que as crianças dessa modalidade percebam-se como agente produtor da cultura, visto que são sujeitos sociais e históricos, que criam e recriam, reconstruindo e reelaborando o mundo ao seu redor, é a partir do contato direto com as manifestações culturais e históricas que as crianças de 0 a 6 anos começam a construir sua própria cultura.

## **CULTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A VISÃO DA CRIANÇA COMO PRODUTORA E CONSUMIDORA DE CULTURA**

Como já foi visto neste trabalho, a criança é um ser histórico e social que produz cultura, contudo, para que isso aconteça é necessário um ambiente propício que ofereça

elementos para que as crianças possam produzir e exercer seu papel de consumidora e produtora de cultura, Baptista destaca que,

Se quisermos proporcionar a uma criança uma base suficientemente sólida para sua atividade criadora, devemos ampliar a sua experiência. Quando mais a criança vê, ouve e experimenta, quanto mais aprende e assimila, quanto mais dispõe de elementos reais, mais ampla será sua atividade criadora. (BAPTISTA, 2010, p. 5).

E é nessa ampliação da experiência que a escola tem papel essencial, atuando como agente facilitador, proporcionando trabalhos com as diversas linguagens, além da aproximação com a arte e suas formas, como: teatro, cinema, museu, dança, música e etc. Kramer (1988, p. 16), destaca que “uma escola básica que se compromete com a cidadania e com a democracia precisa ter na formação cultural um de seus elementos básicos”, diante desse pressuposto da autora podemos perceber a importância do oferecimento da cultura na escola para as crianças. Pois como destacam Kramer e Leite,

é crucial que todos – crianças e adultos possam, de um lado, apropriar-se dos conhecimentos científicos básicos e, de outro, aprender com a história, com os livros, com o cinema, com a música, a dança, o teatro, com a linguagem e arte, pois a experiência com essas produções constitui a formação cultural e humana necessária para enfrentar desafios ainda mais graves da vida contemporânea. (KRAMER e LEITE, 1988, p. 22).

Isto é, construímos cultura nas relações estabelecidas com as pessoas ao nosso redor, é através das vivências que produzimos e consumimos cultura e as crianças não são diferentes. Como afirma Gobbi (2010, p. 03), as crianças são “[...] sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas”. Podemos dizer ainda que as crianças são produtoras culturais, criadoras de cultura, possuem linguagem e costumes próprios, por outras palavras poderíamos classificar as crianças como uma comunidade própria com história, classe social, espaço geográfico. Kramer (1999) destaca que ao vermos as crianças como cidadãos de pouca idade, sujeitos criadores de cultura, estamos favorecendo o seu crescimento, reconhecendo que possuem saberes que são adquiridos no seu meio sociocultural. Precisamos entender que as crianças,

[...] têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. Nesta concepção de infância, história e linguagem são dimensões importantes de humanização:

há uma história a ser contada porque há uma infância do homem. Se compreendermos as crianças, compreenderemos melhor nossa época, nossa cultura, a barbárie e as possibilidades de transformação. (KRAMER, 1999, p. 2)

Porém, não é suficiente apenas compreender essas crianças, é preciso oferecer, proporcionar atividades significativas, em que as crianças tenham experiências culturais diversas, com a cultura, a arte e a ciência, e que ocorram em diferentes espaços de socialização. Azevedo (2014, p. 3) destaca que o trabalho com a arte no processo educativo, deve proporcionar a apreciação, ou seja, “apreciar [...] é algo que se constrói a partir de uma atitude de admiração ou de encantamento, mas requerendo refinamento constante através do contato com a arte, portanto é uma aprendizagem que envolve pensar, refletir, elaborar hipóteses, criar novas sínteses”, ou seja, o ato de reflexão, de pensamento e de criação são atitudes essenciais para a formação cultural de um cidadão. E essas atitudes são desenvolvidas nas crianças a partir da interação com diferentes formas de manifestações artísticas e culturais. Segundo Gobbi,

frequentar cinemas, alugar filmes, ir ao teatro, museus, ter acesso a vários gêneros literários (contos, romances, poesia), assistir a espetáculos de dança, seja nos teatros ou de rua, são atos, senão criadores em si, mas que colaboram com a criação para e com as crianças. (GOBBI, 2010, p. 5).

Porém, bem sabemos que as crianças da EI são excluídas de atividades que envolvam contato direto com a cultura, por diversos motivos, sabemos também que há uma grande dificuldade em relação aos professores se disponibilizarem em organizar atividades fora da sala de aula para os alunos dessa faixa etária por inúmeras razões, mas se realmente queremos que a Educação Infantil desempenhe seu papel no desenvolvimento humano e social dessas crianças, precisamos compreender que,

[...] a experiência cultural contribui para a formação de crianças, jovens e adultos, pois enraíza, resgata trajetórias e relatos, provoca a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos e que nos produz, suscita o repensar do sentido da vida, dos valores da sociedade contemporânea e, nela, do papel de cada um de nós. (KRAMER, 1999, p 208).

As crianças são cidadãs criadoras de cultura, estão do seu modo, constantemente produzindo e recriando o mundo ao seu redor, é nesse contexto que se torna agente produtora de cultura, Baptista (2010, p.1) afirma que “[...] a educação infantil tem identidade própria,

constituída a partir das características dos sujeitos aos quais ela se destina – as crianças e sua forma de se relacionar com o mundo e de construir sentido para o que experimentam”. Desse modo podemos afirmar que as crianças são agentes que reelaboram, reconstróem e criam a partir dos elementos ao seu redor, através das experiências vividas. Sendo assim, a escola deve de uma forma dinâmica propiciar a reflexão, o aprender, o pensar e o expressar da cultura, para que o aluno perceba-se como sujeito envolvido no processo histórico e cultural da sociedade.

### **AULA PASSEIO COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ALÉM DAS QUATRO PAREDES DE SALA DE AULA.**

Bem se sabe que a sala de aula não é o único lugar que proporciona ao aluno conhecimentos. Célestin Freinet (1896-1966), educador francês em seus estudos percebeu que o processo de construção do conhecimento é feito em diferentes espaços, criando assim várias técnicas pedagógicas entre elas a chamada “aula passeio”, mostrando que a aprendizagem é mais viável no momento em que o educador mexe com o interesse do aluno, possibilitando o ensino além das quatro paredes da sala de aula. Mas o que seria aula passeio? Num conceito simples podemos dizer que aulas passeio são aulas ministradas fora da sala de aula, em diferentes lugares, com o objetivo de aproximar o aluno da realidade que o cerca.

Freinet foi o primeiro a ministrar essas aulas para crianças, esses pensamentos veio da sua atuação como educador, querendo entusiasmar os alunos para se tornarem adultos críticos na sociedade, pois observava que as crianças perdiam o interesse quando as aulas eram desenvolvidas apenas dentro da sala de aula, ou seja, as aulas tradicionais. Sendo assim, em suas aulas ele usava métodos como criatividade, sociabilidade, comunicação, reflexão, trazendo motivação para a escola, visto que as aulas passeio possibilitam as crianças aprenderem com o real através de observações do mundo ao seu redor, pois é muito mais prazeroso aprender com o real em sua frente do que com apenas demonstrações em sala, tornando o trabalho bem mais rico, dando assim aos alunos oportunidades de criarem suas próprias hipóteses e conhecimentos. Freinet destaca que,

Quando a criança sentir, por um lado, que lhe dão a liberdade de se exprimir e que, por outro, a tipografia pode materializar o seu pensamento para propagar, dá-se a abundância de textos e histórias. Não temam de início a leitura nem o comprimento dos textos nem a sua complicação; procurem, sobretudo, não fazer dizer certas palavras que lhes pareçam mais cômodas de



ler. A criança sentiu o seu texto, ela lê-lo-á, ela retê-lo-á. (FREINET, 1968, p. 350).

Como podemos perceber na fala de Freinet, a criança tem o poder de aprender mais quando elabora o que foi trabalhado fora da sala, ou seja, à medida que a criança observa, assimila em uma aula passeio tudo aquilo que lhe foi mostrado nessa aula e em seguida elabora um trabalho sobre o que aprendeu individual ou coletivamente ela esta aprendendo através de uma motivação.

Não queremos dizer que todas as aulas devem ser fora da sala de aula e que as crianças não aprendem com aulas tradicionais, o que queremos dizer é que a partir do momento que as aulas contemplam os interesses e curiosidades das crianças, pois sabemos que elas têm natureza de serem curiosas, então, as aulas se tornam muito mais proveitosa não só para as crianças como também para o professor fora da sala de aula, por isso, podemos pensar sobre aulas que possibilitam as crianças conhecerem e terem acesso cultural ajuda no senso crítico e reflexão das crianças. De acordo com Kramer e Leite “[...] a formação cultural é direito de todos se consideramos que todos (crianças, jovens, e adultos) somos indivíduos sociais, sujeitos históricos, cidadãos e cidadãs que têm direitos sociais, que são produzidos na cultura e produtores de cultura” (1988, p. 209).

Bem sabemos que essas aulas passeio, até hoje, não são bem aceitas pelos professores, visto que muitos professores têm dificuldade de disponibilizar, organizar e realizar desses tipos para os alunos, principalmente se tratando da modalidade da Educação Infantil, em que as dificuldades aumentam, por causa da idade e dos limites que esses alunos possuem, ficando apenas para os alunos dessa modalidade, uma aprendizagem através de livro e com as atividades dentro da sala de aula, brincando com outras crianças. Não que esse processo de aprendizagem, não seja importante, contudo as aulas passeio abrangem outro lado, disponibilizando a esses alunos um contato mais direto com nossa cultura, fazendo-os constituir conhecimentos e experiências culturais para o seu desenvolvimento através do que esses espaços oferecem.

## **PATRIMÔNIOS CULTURAIS E HISTÓRICOS CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL**

De acordo com a Constituição Federal de 1988, Art. 216.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência

à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Tomando como base o pressuposto acima, podemos dizer que patrimônios históricos e culturais são bens materiais e imateriais que demonstram um grande valor para uma determinada sociedade, e são definidos como, por exemplo: de caráter arqueológico; paisagísticos, etnográficos, históricos, museológicos, documentais, bibliográficos, fotográficos, cinematográficos, religioso entre outros.

Os patrimônios históricos culturais se tornam atrativos, um instrumento educacional a partir do momento que os professores conhecem e entendem que é de grande importância e rico em conhecimento para os alunos, assim, os professores se apropriarão desses mecanismos e possibilitará às crianças usufruir a compreensão e desenvolvimento que esses espaços possibilitam o senso crítico que trará para a criança, a ampliação da linguagem, entre outros. Pois como ressalta Kramer e Leite,

no museu, o mais importante não é o que vemos, mas que possamos construir um modo de olhar em que razão e sensibilidade aliadas tenham uma maneira crítica e sensível de ver as coisas e de compreender sua histórias” (KRAMER e LEITE, 1988, p. 210).

Diríamos que não só no museu isso aconteça, mas em quaisquer patrimônios históricos e culturais que venham a despertar o olhar crítico e a capacidade de entender o que esses lugares tenham a oferecer para o conhecimento da criança pertencente à Educação Infantil que por serem tão pequenas são subestimadas a não entenderem e compreenderem a história e a cultura. Segundo Lamêda e Arruda (2014, p. 06).

A Educação Patrimonial é um processo permanente, sendo um instrumento de “Alfabetização Cultural” que, além de conduzir o aluno a conhecer diversas manifestações culturais, também proporciona elementos para uma compreensão do universo sócio-cultural em que está inserido. Oferece elementos para um desenvolvimento individual e coletivo, além de diálogo entre o indivíduo e as instituições responsáveis por identificação, preservação ou até mesmo promoção do patrimônio histórico.

Além desses elementos de contribuição para formação cidadã do indivíduo, o acesso a patrimônios pelas crianças permite um contato direto com a arte que segundo Barbosa (2007,

p. 01) “arte é o coração do corpo cultural. Ninguém pode conhecer a cultura de um agrupamento humano ou de um país sem conhecer sua história e sua arte”. Desse modo podemos argumentar que a arte vivenciada nos patrimônios permite o desenvolvimento da capacidade produtora da cultura, sendo importante para proporcionar o desenvolvimento individual, ou seja, através da arte o ser humano, repensar e reinventar o cotidiano. Barbosa (2007), destaca que com a arte homens e mulheres se capacitam e passam a se verem como sujeitos do meio que vivem, deixando de ser estrangeiros em seu próprio país. Azevedo (2014, p. 2) destaca ainda que “[...] a arte não apenas proporciona qualidade de vida, mas também através de seu ensino e de sua aprendizagem as novas gerações terão a possibilidade de construir junto com os outros saberes da educação escolar a consciência de identidade cultural”.

Desse modo, podemos perceber que as contribuições dos patrimônios históricos culturais são de grande importância para as crianças, pois contribui na formação da identidade, visto que os patrimônios estimulam o pensamento, a reflexão e a elaboração de conclusões que leva a criança a refletir sobre como era antes de sua existência, fazendo-as conhecer a história, a cultura e compreender o mundo em que vive, reconhecendo o valor cultural não só do Brasil, mas como de todos os outros países, introduzindo assim o entendimento a história do mundo. A criança que desde pequena tem contato com patrimônios históricos e culturais cria relação que contribui para o desenvolvimento mental e assim, ela se percebe como um cidadão na sociedade, possibilitando para ela a motivação e interesse na vida cultural.

Contudo, quando pensamos nos patrimônios como instituições educacionais, devemos pensar também a melhor forma de mediação, visto que nesses espaços existem diversas informações, que nem sempre atingem todos os grupos, e é nesse momento que como ressalta Barbosa (1989) que o arte-educador tem papel essencial ajudando o público a encontrar seu caminho interpretativo, para que assim, enxerguem outros pontos além daqueles vivenciados pelos curadores, ao falarmos aqui de arte-educadores, estamos abordando também os mediadores culturais dos espaços históricos e culturais, destacam que os mesmos precisam perceber sua importância, pois as visitas a esses espaços não devem ser apenas superficial e guiada, como diz Barbosa (2008, p. 18) “Em vez de visita guiada, com informações fornecidas pelos monitores (ou educadores) são propostas questões que exigem reflexão, análise e interpretação sem que sejam evitadas informações que esclarecem e/ou apoiam interpretações”. Ou seja, é importante principalmente pelos alunos da EI, que os mediadores

desenvolvam um trabalho que permita as crianças refletirem e construírem suas próprias hipóteses, contudo para que isso ocorra é importante um trabalho que observe as necessidades desses pequenos, para que assim o espaço atue como mais um agente educacional na vida dessas crianças.

### **CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE O ACESSO DAS CRIANÇAS A PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS E CULTURAIS X CONCEPÇÕES E ATENDIMENTO DESSES PATRIMÔNIOS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nesse tópico abordaremos a análise e resultados dos dados das entrevistas com os sujeitos de pesquisa, no intuito de responder nosso questionamento, que busca identificar o que os patrimônios históricos e culturais da cidade do Recife oferecem às crianças da Educação Infantil durante as visitas e qual a concepção dos professores sobre esse acesso para aprendizagem e formação cultural das crianças. A coleta de dados se desenvolveu através de duas etapas tendo como base roteiros de entrevistas em profundidade que visam explorar o assunto, procurando informações, percepções e experiências dos entrevistados. (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Dessa forma, é importante ressaltar, que a entrevista em profundidade proporciona ao pesquisador analisar e apresentar de forma estruturada os resultados sendo bastante útil para a compreensão da realidade. Na primeira etapa foram entrevistados professores da EI para coletar as concepções dos mesmos, em relação à visita de crianças da Educação Infantil a patrimônios históricos e culturais da cidade. Na segunda etapa as entrevistas foram direcionadas aos patrimônios (mediadores culturais) que trabalham no educativo dos patrimônios para identificar como ocorre a mediação com alunos dessa faixa etária e como o espaço se prepara para atender essa modalidade, além da visão deles sobre o acesso aos patrimônios por essas crianças menores.

Em relação aos sujeitos de pesquisa optamos por entrevistar três professores atuantes de três escolas de Educação Infantil da Rede Pública Municipal da Cidade do Recife, sendo um total de nove professores, já na coleta de dados dos patrimônios históricos e culturais, foram selecionados quatro patrimônios que desenvolvem visitas com crianças da Educação Infantil, no qual foi entrevistada uma pessoa responsável pelo educativo, optamos por esses sujeitos por acreditamos que são profissionais que poderiam dar subsídios ao questionamento da nossa pesquisa.

As perguntas foram diferentes para os dois segmentos, porém com temáticas iguais. Identificaremos os sujeitos da seguinte forma: Escola E1, E2 e E3 e Professores P1, P2 e P3 das respectivas escolas e os Patrimônios Históricos e Culturais PHC1, PHC2, PHC3 e PHC4.

Os dados serão analisados a partir dos sentidos e significados que os professores da EI atribuem a visitas pedagógicas a patrimônios históricos e culturais como atributos da formação cultural e aprendizagem das crianças pequenas e os significados e objetivos que os agentes culturais entendem de visitas dirigidas a crianças da Educação Infantil.

Para entendermos as respostas obtidas e resultados coletados, destacamos informações básicas dos sujeitos entrevistados como: formação acadêmica, o tempo de serviço na instituição, função e turma atuante. Todas as professoras entrevistadas são formadas em pedagogia e apenas quatro delas possui especialização (2 em Educação Infantil e 2 em Psicopedagogia). O tempo de profissão das professoras entrevistadas na Educação Infantil varia entre 3 a 24 anos. E as turmas atuantes foram o grupo 4 e grupo 5, sendo que 3 professoras acompanham o grupo 4 e 6 professoras acompanham o grupo 5. Em relação aos mediadores culturais dos patrimônios, os entrevistados são formados em Jornalismo, Museologia e Pedagogia, Artes plásticas, Produtor Cultural e História, o tempo de serviço no espaço variou de 1 a 10 anos, área que os participantes atuam no espaço é o educativo.

A análise dos dados será baseada nas respostas dos sujeitos entrevistados e de acordo com nossos objetivos, procurando unir as informações dos professores e patrimônios com intuito e elementos comuns. Através disso, definimos categorias para analisarmos segundo a perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin (2009), no qual se discute análise como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2009, p. 37)

Tomando como base o pressuposto acima, discutiremos a temática: Acesso das crianças da Educação Infantil aos patrimônios históricos e culturais: concepções de professores e mediadores culturais.

O quadro abaixo destaca as categorias utilizadas com os dois grupos de sujeitos participantes da pesquisa.

**Quadro 1-** Categorias utilizadas para análise

<b>Categorias</b>	<b>Professores</b>	<b>Patrimônios</b>
Aulas fora da escola pela EI	X	X
Dificuldades para visitar os patrimônios históricos e culturais	X	X
Preparo dos Patrimônios para receber as crianças da Educação Infantil	X	X
Contribuição das visitas para aprendizagem das crianças	X	X
Currículo para Educação Infantil abrange visitas a patrimônios	X	

Fonte: Araújo; Silva (2014)

A primeira categoria que levantamos diz respeito a aulas fora da escola pela EI, para tal categoria analisamos as respostas das professoras para a seguinte pergunta - Como você vê a realização de aulas fora da escola pela Educação Infantil? É comum? Por quê? Obtivemos os seguintes resultados:

**Quadro 2** - Aulas fora da escola pela EI

Não é comum	9 professoras
O trabalho desenvolve apenas no âmbito escolar	5 professoras
A escola desenvolve espaço de acesso a patrimônio	Sim: 1 professora Às vezes: 8 professoras

Fonte: Araújo; Silva (2014).

Vejam algumas opiniões das professoras:

Não, não é comum, na rede de Recife pelo menos nas escolas que eu trabalhei, não é comum, [...] essa aula atividade é super importante, mas é uma coisa que não acontece na Educação Infantil. **(P3E1)**.

Não é comum, apesar de que tenho muito desejo. É importante que tenha, que leve, podem ai cobrar da sociedade, no caso o sistema de ensino, para que a gente tenha esse direito. A gente tem. Que o aluno tenha esse acesso, e não deixar de fazer porque: não mostra na televisão, mostra na internet, faz um espaço imitando o que é um museu, ele tem direito a ver o museu, estar lá, vivenciar, perceber o momento que se passou pela história, mesmo que ele não consiga se reportar por conta ainda da formação do pensamento

deles, está muito complexo ainda, não está abstrato, mas é uma semente lançada para o futuro. (P2E1).

Infelizmente hoje na rede pública municipal na Educação Infantil isso não acontece com frequência, aliás, praticamente nem acontece, quando acontece é de uma forma muito esporádica que a criança não chega a perceber isso como uma aula fora da sala de aula, uma aula extraclasse, ela percebe como um passeio vai pra passear e não pra estudar, então, eu acho que a formação do hábito ele vem a partir da vivência, assim, de uma vivência constante.” (P2E3)

De acordo com o que disseram estas professoras, podemos perceber que não é comum a realização de aula fora do espaço de sala de aula, apesar do desejo explícito de algumas professoras e das mesmas terem consciência da importância dessa atividade de vivência para as crianças nos espaços culturais. E, mesmo quando essa atividade ocorre, não são encaradas como uma aula passeio segundo o que diz Freinet - que deve proporcionar e possibilitar às crianças, um aprender, através do real, da observação do mundo ao seu redor. Além do mais, como diz Baptista (2010), devemos ampliar a experiência da criança, pois, quanto mais a criança experimenta e se utiliza de elementos reais melhor será a sua criatividade. Outro ponto marcante levantado nas respostas dadas é que a visão do ensino para crianças da EI ainda está muito voltada no âmbito escolar, visto que muitos educadores pensam que esse aprendizado deve ser adquirido apenas na escola. Desse modo, são criados utensílios dentro do espaço escolar como visto na fala da professora da P2E1, não proporcionando esse contato *in loco* com a cultura, a arte e a história.

Poderíamos dizer que essas aulas passeio, certamente não ocorrem porque esses espaços ainda não são encarados como espaços educacionais, ou até mesmo que não existe divulgação dos mesmos, porém isso não é bem verdade, visto que os espaços andam procurando constantemente divulgar o trabalho educativo desenvolvido para as escolas, como visto nas respostas dos patrimônios entrevistados.

**Quadro 3** - Patrimônios que mantêm contato com as escolas

Não	1 patrimônios
Sim	3 patrimônios

Fonte: Araújo; Silva (2014)

Respostas de alguns mediadores dos patrimônios pesquisados:

Entramos em contato, porém é mais complicado com essas crianças menores. Devido à autorização e a dificuldade de colocar ônibus. (PHC 2).

Olhe, existe a divulgação [...] Tentamos estabelecer uma parceria no sentido de facilitar e viabilizar a vinda das crianças independente de faixa etária. **(PHC 4)**.

Desse modo, apesar de essas aulas não serem muito comum na Educação Infantil, os mediadores de patrimônios relatam manter contato com as escolas dependendo da idade para divulgar os eventos, exposições que acontece nos patrimônios, mas que infelizmente a visita por essas crianças menores são mínimas, principalmente os alunos da escola pública municipal, por inúmeras razões, justificam as dificuldades das escolas conseguirem chegar por conta da condução que é difícil conseguir para que as crianças consigam chegar lá.

Sendo assim, discutiremos a seguir as dificuldades e empecilhos que são atribuídos para o não acesso das crianças da Educação Infantil a patrimônios históricos e culturais. Para tal, categoria, obtivemos os seguintes questionamentos:

**Quadro 4** - Dificuldades atribuídas ao não acesso das crianças da EI aos patrimônios históricos e culturais.

PROFESSORAS		PATRIMÔNIOS	
A burocracia de conseguir Transporte	9 professoras	A burocracia de conseguir Transporte	4 patrimônios
Crianças muito pequenas	1 professora	Poder aquisitivo baixo	1 patrimônios
Autorização dos pais	1 professora	Autorização dos pais	1 patrimônios
		Professores não estão preparados	1 patrimônios

Fonte: Araújo; Silva (2014)

As professoras levantaram alguns empecilhos:

Questão de ser crianças muito pequenas, eu destaco isso, então o pai tem que acompanhar, eu acho legal isso pra a gente não levar só [...] a questão também da burocracia que é pra se conseguir ônibus, tem que entrar na fila de espera e agenda. **(P1E1)**.

A gente não tem recursos, nem recursos financeiros, para pagar, nem tem muito menos o apoio da prefeitura. Mas o único empecilho que eu vejo é esse, é que não temos apoio da nossa secretaria. Transporte e a questão financeira que agora tá vindo PDDE, que o PDDE pode ser utilizado pra alugar ônibus, em cima de projeto que a gente possa elaborar. **(P2E1)**.

Grande problema é o transporte, aí depois disso à gente tem que fazer toda aquela estrutura de pedi pra os pais, mas isso né dificuldade não, que isso a gente num instante faz, o problema é esse, é consegui agendar e conseguir transporte pra levar. **(P1E2)**.



Dos ônibus. Os principais são esses. As pessoas pra ajudar e condução pra levar simplesmente, porque o nosso trabalho a gente faz, faz e prova que faz bem feito. **(P2E2)**.

Empecilhos levantados pelos mediadores dos patrimônios:

A questão do transporte a gente esbarra justamente nessa ideia de transporte, os relatórios que a gente faz mensais a gente ver que o número de escolas municipais que vem são bem reduzidos em relação às estaduais e em relação as privadas. **(PHC 3)**.

São crianças pequenas dão mais trabalho e parece que os professores não estão preparados para trazer e também não tem entendimento da importância, de trazer as crianças para um espaço cultural, elas acham que as crianças não vão entender. **(PHC 2)**

Entre tantas falas podemos enfatizar que a mais destacada pelas professoras e mediadores dos patrimônios é a questão do transporte, visto que ambos os sujeitos de pesquisa alegam ser muito difícil, conseguir transporte. Porém, mesmo sabendo dessa dificuldade, percebemos que as professoras argumentam a demora de se conseguir um transporte, contudo, de certo modo não tentam solicitar ônibus, não percebendo o que diz Lamêda e Arruda (2014) que a educação patrimonial possibilita a criança o desenvolvimento individual como também coletivo, proporcionando o conhecimento das diversas manifestações culturais. Dentre as opiniões dos mediadores dos patrimônios, podemos destacar as respostas dadas pelos **PHC2 e PHC4**, que alegaram o fato das crianças serem muito pequenas como empecilhos para levá-las a visitar os patrimônios.

A terceira categoria que destacamos é o preparo dos Patrimônios para receber as crianças da Educação Infantil (Preparação dos patrimônios), nessa obtivemos contradições entres os professores e os patrimônios. A pergunta referente a essa categoria foi: Em sua opinião esses patrimônios estão preparados pra receber as crianças da Educação Infantil? Para tal questionamento obtivemos os resultados do quadro abaixo:

**Quadro 5** - Preparos dos patrimônios históricos e culturais para receber as crianças da EI.

OPINIÃO PROFESSORAS		OPINIÃO PATRIMÔNIOS	
Não estão preparados	3 professoras	Estão preparados	3 patrimônios
Alguns estão preparados	3 professoras	Não totalmente preparado	1 patrimônios
Todos já visitados	2 professoras		
Não sabe	1 professora		

Fonte: Araújo; Silva (2014)

Algumas respostas encontradas nas falas das professoras:

Alguns, [...] mas alguns museus com coisas muito delicadas, muito cheio, onde as crianças é curiosa, querem mexer, querem pegar, tá entendendo, eu acho que não. **(P1E1)**.

Olhe, eu acredito que não, por que primeiro teriam que ter, por exemplo: um monitor preparado mais ou menos pra poder ajudar a gente a levar. Acho que ainda falta se existe pelo menos eu não fui a nenhum que estivesse preparado. **(P1E2)**.

Em parte estão, até porque os que a gente já visitou tem pessoas lá que orientam que nos acompanham, eles dão suporte muito legal, são preparados até pra repassar pra eles as informações certas. **(P2E2)**.

Algumas falas dos mediadores culturais dos patrimônios que abordam a adaptação do espaço no que diz respeito: a mediação, a equipe especializada, e o espaço físico para o atendimento das crianças menores de seis anos.

Para mediação tivemos as seguintes respostas:

Sim, Porque é diferente, o nível de confecção é outra, compreensão é outra, a relação com o espaço público é diferente. **(PHC2)**.

Exato, pra cada grupos existe uma linguagem totalmente diferente e a linguagem da contação de história, ela chama mais, ela consegue prender a criança. **(PHC3)**.

Em relação à equipe especializada para atender essas crianças tivemos as seguintes falas:

Sim, possuímos oito estagiários, sendo que seis fazem parte do educativo, então, são em sua maioria estudantes de história, mas a gente tem também estudantes de museologia e aí esses estudantes eles adaptam a linguagem pra essas crianças, então brincam com eles, sem contar com as outras atividades que são de educação patrimonial. **(PHC3)**.

Não, [...] mas para cada perfil de visitante a gente tem uma forma de, vamos dizer... de manter essas informações, recebemos muitos colégios aqui, que vem com crianças de 3, 6, 7 anos e a gente passa essa informação voltada pra origem dessa tradição e como são feitos, como são manipulados de uma forma fácil de ser assimilada pelas as crianças. **(PHC 1)**.

Os resultados para adaptação do espaço físico para o atendimento das crianças menores de seis anos foram:

Espaço tem esses círculos e esses módulos que às vezes reordenamos, principalmente quando é criança menor, pequenininha, abrimos mais, porque pra eles é importante essa coisa de espaço [...] Não é 100% para uma criança de 4 a 6 anos, mas ta para a gente adaptar numa boa. **(PHC2)**.

O prédio já é tombado pelo patrimônio histórico, então as referências que a gente tem das ABNT, na medida do possível foram compridas, como até mesmo os banheiros, que tão de acordo com a norma técnica, não só pra

criança, como pra cadeirantes, idosos, então a gente tem o espaço físico que já compreende esse trabalho, que seja perfeito, [...] possuímos elevador no caso pra crianças, não só pra crianças, mas como pra outras pessoas de difícil locomoção, rampa, os degraus que não são tão altos, [...] Plaquinhas de localização das obras de artes na altura de 1 metro e 10, que dar tanto pra um adulto quanto pra uma criança. **(PHC3)**.

Ao analisarmos essa categoria levamos em consideração que a maioria das professoras, ao responder esse questionamento, se baseou nas visitas que elas já haviam feito. Então, algumas delas, percebendo o desempenho de tais patrimônios disseram que sim, que os patrimônios estão preparados, e outras professoras não percebendo o desenvolvimento dos mesmos e não satisfazendo a ludicidade das crianças, no trabalho desenvolvidos nos espaços, responderam que não. E como visto nas falas das professoras é notório a preocupação com uma linguagem apropriada para a faixa etária dessas crianças pequenas, e essa preocupação foi vista nas falas de mediadores culturais em todos os patrimônios analisados, visto que todos destacaram a importância de adaptar a linguagem e o local para receber esses pequenos, adaptando a temática abordada, a uma compreensão adequada às crianças e que as mesmas sejam favorecidas na linguagem, no conhecimento, na ludicidade, entre outros, tudo para que as atividades nestes espaços se tornem proveitosas para os pequenos.

Desse modo, podemos ressaltar que há uma contradição do que se pensa, do que acontece realmente, visto que os mediadores culturais dos patrimônios alegaram que estão preparados ou estão se adequando para receber as crianças da Educação Infantil no sentindo de profissionais especializados para atender a essa modalidade, como Baptista (2010), nos fala que as crianças têm sua própria identidade e constrói sentido nas oportunidades que elas têm a experimentar. Então, é de suma importância a preparação de uma equipe especializada.

Na categoria contribuição na aprendizagem das crianças, perguntamos para as professoras se acham que esses espaços contribuem para aprendizagem das crianças e formação cultural das mesmas. E em que contribuem? Lançamos um questionamento semelhante para os patrimônios, questionamos se acha que é importante uma criança menor de seis anos frequentar espaços históricos e culturais. E por quê? Obtivemos os seguintes resultados:

**Quadro 6** - Contribuição das visitas a patrimônios históricos e culturais para aprendizagem das crianças da EI

OPINIÃO PROFESSORAS		OPINIÃO PATRIMÔNIOS	
Contribuição	Nº de professoras	Contribuição	Nº de patrimônios
Sim	8	Sim	4
Mínima	1	Mínima	---
Não	---	Não	---

Fonte: Araújo; Silva (2014)

**Quadro 7**- Tipos de contribuições atribuídas pelos professores e mediadores culturais para aprendizagem das crianças da EI quando visitam os espaços históricos e culturais.

OPINIÃO PROFESSORAS		OPINIÃO PATRIMÔNIOS	
Tipos de contribuição	Nº de professoras	Tipos de contribuição	Nº de patrimônios
Valorização e preservação	6	História	2
Formação cultural	5	Valorização	2
Formação histórica	4	Identidade cultural	1
Ampliar o vocabulário, oralidade	1	Senso crítico	1
Socialização	1	Conhecimento da Arte	1
Vivenciar o que está sendo trabalhado em sala de aula	1	Memória	1
Visão da criança como produtora e multiplicadora da cultura	1	Criatividade	1

Fonte: Araújo; Silva (2014)

Como se pode perceber nos quadros 6 e 7 tanto os mediadores dos patrimônios como as professoras atribuíram contribuições para a aprendizagem e formação cultural da criança como agente produtor de cultura, visto que entre as professoras apenas uma relatou que a contribuição seria mínima, desse modo, percebemos com os discursos que os patrimônios são fatores importantíssimo para a divulgação e formação cultural, não só desses pequenos, como

de todo cidadão. Segundo Gobbi, (2010), é na infância que as crianças são consideradas sujeitos históricos e culturais, de direitos, sendo assim, podemos destacar que, são importantes para esses pequenos, apreciar, e entender essas expressões culturais, porque o contato com esses espaços históricos e culturais, contribuem em vários aspectos para sua aprendizagem e entendimento do mundo que o cerca, e como ressalta o RCNEI (1998) o acesso das crianças a espaços históricos e culturais ajuda no seu desenvolvimento, comunicação, socialização. Kramer e Leite (1988) defende esse ato, quando fala que o mesmo contribui para a formação, valores, reflexão crítica, entre outros, como na identidade cultural, na história, no senso crítico, na apreciação da arte, na memória e regaste da sua cultura, na criatividade e valorização. Como destacado nas falas abaixo:

Sim. Eles contribuem primeiro na questão cultural, e a cultura é a nossa riqueza, eles contribuem na questão das releituras, nas opções deles, nas escolhas, pra no futuro querer ser também um artista. Então eu acho que enriquece e contribui na aprendizagem sim, na ampliação do vocabulário, na oralidade. **(P3E1)**.

Contribui sim, eu acho que ele contribui a partir do momento que a criança passa a ter o conhecimento da história, como se formou, quem são aquelas pessoas que fazem parte da sua vida, contribui a partir do momento que acho assim a própria valorização, do olhar, acho que muda o olhar em relação ao que está posto lá, acho que é a coisa assim de o aluno percebesse enquanto um cidadão que é responsável que pode cuidar, que pode preservar aquilo ali, ver conhecer, e manter o que tá posto, você usufruir, sendo uma pessoa que vai cuidar também, acho que ela forma a pessoa na sua história, na vida, acho que é fundamental. **(P3E3)**.

Importantíssimo, você vai desenvolvendo o senso crítico e uma relação com a memória, com a arte, com o estético, com formas, com cores, tudo em formação. **(PHC2)**.

Acho, é importante porque a formação começa cedo, então, a partir do momento em que a criança começa a se perceber no mundo é importante que ela experimente tudo, claro que de uma forma adequada ao seu entendimento, a sua faixa etária, mas ela já vai começando a desenvolver os seus conceitos a sua capacidade de pensar e de raciocinar a partir das experiências que ela vai vivendo, então é importante uma visita a um museu principalmente se o museu estiver adequado para receber esse público [...] eu acho que qualquer ser humano independente da idade, tem que vivenciar essas experiências que façam refletir e se entender como alguém dentro de uma comunidade que tem uma história, que tem um passado e que não é um passado que é algo que estar morto e que estar lá e que você visita, mas é algo que tem uma influência muito grande direta no que você é agora, e o que você é agora reflete no que você vai ser no futuro. **(PHC4)**.

Por fim, percebendo os resultados fizemos uma última categoria, que se refere ao currículo para Educação Infantil se o mesmo inclui visitas a patrimônios (Acesso Inclusão/Exclusão). Essa categoria abordou apenas as opiniões das professoras.

As respostas foram variadas:

Não favorece [...] até agora não vi nada vinculada a essa questão cultural, das artes. **(P1E1)**.

Com certeza, está lá, só que ele não é completo, está só no papel, mas a própria rede, o departamento, a secretaria de educação não fixa nesses pontos, eles jogam pra ser trabalhado só que quando a gente necessita para realmente dar ênfase a esse ponto eles não dar suporte, é o caso das visitas aos departamentos culturais, certo, aos museus, as pontes do Recife, que a gente trabalhou em 12 de março, a gente foi trabalhar a cidade do Recife e não tinha como mostrar pra eles, só através de figuras. **(P2E2)**.

Com certeza, agora está posto no currículo é uma coisa e esse currículo está sendo vivenciado nas escolas é outra coisa, muitas vezes não é nem por conta do professor porque muitas vezes as pessoas, hoje em dia a gente vê a responsabilidade tem sido jogada sempre pra cima, o culpado é sempre o professor e não é, até chegar, o que tá posto lá até chegar na vivência escolar ele passa por uma série de coisas onde muitas vezes se esbarra como você vê aí, uma coisa que tá posta no currículo que é pra ser vivenciada que é a aula extraclasse e que esbarra na dificuldade do recurso, do ônibus que é uma coisa tão simples. **(P2E3)**.

Mesmo sendo variadas podemos destacar nas respostas dos professores que por sinal foi à resposta da maioria, como as professoras **P2E2** e **P2E3** que destacam que existe no planejamento curricular essa preocupação das crianças terem acesso a espaços históricos e culturais, porém não está sendo vivenciado nas escolas. Segundo as entrevistadas isso ocorre porque a Prefeitura não possibilita desenvolver esse ato com frequência, fornecendo recursos como transportes, impossibilitando assim para as crianças da faixa etária de até seis anos de idade o que Kramer e Leite (1988) defende quando diz que é importantíssimo que a criança aprenda a história, teatro, arte entre outros, pois possibilita a construção cultural das mesmas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível verificar que, na visão dos professores entrevistados, é muito importante que a escola da Educação Infantil proporcione momentos de aulas passeios a espaços históricos e culturais, para que assim as crianças possam ter contato direto com a cultura, história e arte, observando de perto o que está sendo vivenciado dentro da sala de aula, mas, também o que está em seu redor e fora dela. Como podemos observar, esses espaços contribuem muito para sua formação cultural, fazendo-os se verem como agentes produtores e consumidores dessa cultura, promovendo a socialização entre os pares, e a preservação e valorização desses espaços. Percebemos também que os espaços históricos e culturais estão procurando tornar o espaço um lugar que permita a essas crianças um

conhecimento maior, adaptado as mediações e o espaço para que esses pequenos possam ser bem atendidos.

Porém, mediante o estudo realizado, compreendemos que para as crianças da EI desfrutem do acesso a patrimônios históricos e culturais, que por inúmeros motivos, muitas vezes lhe é negado, o conjunto professor, escola, pais, Ministério da Educação e patrimônios deve reconhecer a importância de proporcionar arte, cultura e história através de visitas aos patrimônios históricos e culturais, e, no caso do nosso estudo, da cidade do Recife.

Entretanto, mesmo que muitos professores reconheçam a importância das visitas para a formação cultural das crianças, a maioria deles não insiste na transposição das barreiras para proporcionar às crianças pequenas essa experiência cultural. É possível que esta questão seja atribuída à formação dos professores.

Desse modo, lançamos um novo questionamento: por que é tão complicado para os professores da EI elaborarem projetos de visitas a patrimônios históricos e culturais? E qual a autonomia desses professores para a realização de aulas passeio?

## **REREFÊNCIAS**

AZEVEDO, F. O Olhar apreciador não se ganha de presente. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/ihtcarus/olhar.html>>. Acesso em: maio de 2014.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BAPTISTA, Mônica Correia. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. **Anais** do I Seminário Nacional: Currículo em movimento- Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. Nov. de 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Portugal: Edições 70, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BARBOSA, A. M. **Cultura, Arte, Estética e Educação**. TV Futura. 2007. Disponível em: [www.futura.org.br/beleza](http://www.futura.org.br/beleza). Acesso em março de 2014.

\_\_\_\_\_. **Arte-educação em museu de arte.** Revista USP. 1989. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>. Acesso em junho de 2014.

\_\_\_\_\_. Entre Memória e História. In: BARBOSA, A. M. (Org). **Ensino de arte: Memória e História.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOBBI, Márcia. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento- Perspectivas Atuais.** Belo Horizonte. Nov. de 2010.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. Enviado a convite para a Revista Textos do Brasil, Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999.

\_\_\_\_\_. **Infância e educação:** o necessário caminho de trabalhar com a Barbárie. **In:** Infância e educação infantil. KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel, NUNES, Maria Fernanda Rezende e GUIMARÃES, Daniela. Papyrus Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental.** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 –Especial. p. 797-818, 2006.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância e produção cultural.** Campinas, SP: Papyrus, 1998.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUERRA, Aline. Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural - CBM 2013, disponível em <http://pt.slideshare.net/alinearwar/patrimonio-historico-e-artstico-cbm2013>. Acesso em Fevereiro de 2014.

LAMÊDA, Adriana Maria da Conceição; ARRUDA, Maria Aparecida. **PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL E SUAS APLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA POSSIBILIDADE DE ALFABETIZAÇÃO CULTURAL.** Disponível em [http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/6b\\_6.pdf](http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/6b_6.pdf). Acesso em janeiro de 2014.

LIMA, Patrícia Alves de; FREITAS Profª. Drª. Lêda Gonçalves de. **FREINET E A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Disponível em <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/795/4/Artigo%20Freinet%20e%20a%20Ludicidade%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso em Jan de 2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MALTÊZ, Camila Rodrigues. et al. Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 - Semestral

MORAES, Allana Pessanha de. **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ESCOLAS: APRENDENDO A RESGATAR O PATRIMÔNIO CULTURAL.** Disponível em:



[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/allana\\_p\\_moraes\\_educ\\_patrimonial.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf). Acesso em: novembro de 2014.

SILVA, Tomás Tadeu da. O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

UM PASSEIO PELO MUNDO DA PEDAGOGIA FREINET. Disponível em <http://linguaportuguesafacil.wordpress.com/um-passeio-pelo-mundo-da-pedagogia-freinet/> Acesso fevereiro de 2014.